

# Bahia tem maior população quilombola do país

**Ancestralidade** Descendentes de escravos estão presentes em 70% dos municípios baianos



PAULA FROES

**Raquel Brito**

REPORTAGEM  
mrbrito@redebahia.com.br

Com 397.059 pessoas quilombolas, a Bahia é o estado brasileiro com o maior número absoluto com esse tipo de população do país.

A informação está entre os primeiros resultados da pesquisa Brasil Quilombola, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nessa quinta-feira (27). A investigação faz parte do Censo Demográfico de 2022.

Além desse índice, a pesquisa registrou que, a cada dez municípios da Bahia, sete têm presença de população quilombola. Entre as capitais brasileiras, Salvador é a que conta com mais quilombolas. Das dez cidades do país com maior população quilombola, cinco estão na Bahia: Senhor do Bonfim, Salvador, Campo Formoso, Feira de Santana e Vitória da Conquista.

A divulgação dos resultados foi realizada no Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia (UFBA), na Avenida Dois de Julho, e reuniu representantes do IBGE e da Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos (CONAQ), além da secretária de Promo-

ção da Igualdade Racial Ângela Guimarães e professores e pesquisadores da área.

Essa é a primeira vez que o Censo Demográfico identifica, de forma direcionada, a população quilombola, a partir de autodeclaração. De acordo com Mariana Viveiros, supervisora de Disseminação de Informações do IBGE na Bahia, pela necessidade de uma análise completa, a pesquisa Brasil Quilombola durou dez meses, quando os censos comuns duram, em média, quatro.

“Existia uma demanda para que o levantamento já tivesse sido feito em 2010, mas nós não conseguimos ter, naquele momento, uma metodologia adequada para fazer essa investigação. Desde então, estamos mantendo um trabalho de consulta às entidades, que vem desde 2018, bem antes do senso, para saber como fazer a pesquisa de uma forma adequada. Foi assim que se construíram a metodologia e as perguntas”, afirma Mariana.

## TERRITÓRIOS DELIMITADOS

Apesar de ser o primeiro em população, a Bahia está em terceiro lugar em territórios oficialmente delimitados, 48, onde vivem 20.753 quilombolas.

O estado fica atrás do Pará, que tem 87 territórios forma-

zados, e do Maranhão, com 81. O índice baiano representa apenas 5,23% do total de quilombolas do estado, o terceiro menor percentual entre todas as unidades federativas. Como ‘território oficialmente delimitado’, o IBGE compreende todas as fases do processo de formalização da área, da delimitação à titulação. Entre os municípios da Bahia, Bom Jesus da Lapa é o que tem o maior número absoluto de pessoas quilombolas em seus territórios.

Segundo José Ramos de Freitas, coordenador da CONAQ, é essencial que haja um diálogo entre o Estado e as comunidades quilombolas, visando a aumentar a regularização fundiária. Para ele, com a contabilização das comunidades quilombolas, reivindicar esse espaço será mais fácil.

“Com os resultados, nós podemos chegar para o estado e dizer que temos uma população de quase quatro mil habitantes e queremos que as políticas públicas cheguem na base de todos. A principal luta é pela titulação dos territórios dos quilombolas, para garantir saúde de qualidade, uma educação diferenciada e gerar emprego e renda”, afirma.

Ângela Guimarães diz que o trabalho junto às comunidades será intensificado.

O município de Senhor do Bonfim está em primeiro lugar em população quilombola

## Uma pequena África cravejada no solo de Senhor do Bonfim

Hoje, com 15.999 quilombolas autodeclarados em 2022, Senhor do Bonfim, localizado no centro-norte baiano, lidera o ranking nacional de população absoluta de quilombolas. O município do sertão baiano tem 21,48% de sua população declarada quilombola.

Foi a partir do século XVI, com o início da busca por pedras preciosas e minerais no interior, que o solo rico do território que hoje é o município de Senhor do Bonfim atraiu um grande número de exploradores de minério, que conduziram comunidades de escravizados para o local. Com o tempo, essas comunidades tornaram-se os quilombos, símbolos de resistência.

Durante o período colonial, os quilombos eram locais de refúgio e centros de resistência, onde iam negros escravizados, negros livres e também indígenas para fugir da exploração colonial. Quem conta é Adson Brito do Velho, professor de História e autor do livro Salvador Tem Muitas Histórias.

“Eles procuravam locais que geralmente eram de mata fechada, o que dificultava a penetração do homem branco, e ali viviam numa comunidade onde preservavam a sua cultura e existiam com base na ancestralidade africana. É como se fossem pequenas Áfricas dentro do território brasileiro”, conta o historiador. “Depois da libertação dos negros escravizados, muitos deles resolveram permanecer naquela localidade, porque sabiam da presença das minas de ouro e de pedras preciosas”, diz.

## CIDADES COM TERRITÓRIOS RESISTENTES

● **Senhor do Bonfim**  
população quilombola formada por 15.999 habitantes

● **Salvador**  
população quilombola formada por 15.897 habitantes

● **Campo Formoso**  
população quilombola formada por 12.735 habitantes

● **Feira de Santana**  
população quilombola formada por 12.190 habitantes

● **Vitória da Conquista**  
população quilombola formada por 12.057 habitantes

## Metade da população de Bonito é quilombola

Apesar de não estar entre as cidades com maior número absoluto de quilombolas, Bonito representa a Bahia entre os dez municípios de maior percentual de pessoas autodeclaradas quilombolas, 50,28%.

Uma das cidades mais jovens do estado, o município localizado na Chapada Diamantina é um dos cinco em todo o Brasil a ter mais da metade dos habitantes formada por quilombolas.

Em Bonito, com 7.967 quilombolas entre os 15.844 habitantes, o passado foi de exploração de diamantes. De acordo com Adson Brito, com as grandes altitudes, a localização da cidade facilitava tanto a fuga como a permanência de negros escravizados, por locais de difícil penetração para os escravocratas.

Para Aldai Souza Costa, de 20 anos, que faz parte da Comunidade Quilombola de Botafogo, em Bonito, é essencial que as comunidades passem a ter o reconhecimento pelo censo. “Não é de hoje que existem quilombos e não é nova a existência do censo do IBGE. Então, é um avanço muito grande essa pesquisa estar evoluindo para incluir as nossas comunidades”, afirma.

Para ele, por mais que ainda exista a concepção de que o quilombo é um espaço de fuga, o espaço é muito mais do que isso, representando o contato com a ancestralidade e com a territorialidade. “O quilombo envolve coletividade, um ajudar o outro, passar um ensinamento para o outro. Um ajuda o outro quando esse outro não tem. Esse aspecto de coletividade e de rede de apoio dentro da comunidade é muito especial”, diz.

COM A ORIENTAÇÃO DA CHEFE DE REPORTAGEM PERLA RIBEIRO